

O Bloco do Rebuceteio: rede de apoio nos corpos territórios em performance carnavalescaⁱ*El Bloco del Rebuceteio: la red de apoyo en los entes territoriales en el carnaval**The Rebuceteio Group: support network in the territorial bodies in carnival performance***Fernanda Jaime Andrade**

Resumo: A fim de sustentar uma prática contrária aos padrões patriarcais e as performances heteronormativas, o bloco do Rebuceteio marcou posição por meio das memórias dos integrantes dele, através da identidade de gênero representadas socialmente nas performances de rua ocorridas durante os quatro anos de evento. Ainda é proposta desse trabalho averiguar as situações de violência física e simbólica ocorridas tanto no interior dele, entre pares, quanto a que foi estabelecida com o público externo ao bloco, quando de sua passagem nas ruas, em outras palavras, entre os objetivos específicos desse trabalho está o da análise do pilar dessa violência, ou seja, qual a estrutura histórico cultural que sustenta a violência contra a identidade de gêneros? Portanto, o aporte teórico metodológico da pesquisa que guiará a compreensão dessa problemática é a corrente dos estudos subalternos da América Latina no âmbito do decolonialismo, além da História Cultural que servirão como suporte para a investigação do contexto social que engendra a construção dessa violência e os estudos de gênero.

Palavras Chave: Identidade. Gênero. Carnaval. Corpo. Território.

Resumen: Para apoyar una práctica contraria a los estándares patriarcales y las actuaciones heteronormativas, el bloque Rebuceteio se pronunció a través de las memorias de sus integrantes, a través de la identidad de género socialmente representada en las representaciones callejeras que se realizaron durante los cuatro años del evento. Aún así, es una propuesta de este trabajo, investigar las situaciones de violencia física y simbólica que se daban tanto en el interior de la misma, entre pares, como la que se establecía con el público fuera de la manzana, en su paso por las calles, es decir, entre los objetivos propios de este trabajo se encuentra el análisis del pilar de esta violencia, es decir, ¿cuál es la estructura histórica cultural que sustenta la violencia contra la identidad de género? Por tanto, el aporte teórico metodológico de la investigación que orientará la comprensión de esta problemática es la corriente de los estudios subalternos de América Latina en el ámbito del decolonialismo, además de la Historia Cultural que servirá de sustento para la indagación del contexto social que engendra la construcción de esta violencia y los estudios de género.

Palabras Claves: Identidad. Género. Carnaval. Cuerpo. Territorio.

Abstract: In order to support a practice contrary to patriarchal standards and heteronormative performances, the Rebuceteio block took a stand through the memories of its members, through the gender identity socially represented in the street performances that took place during the four years of the event. Still, it is a proposal of this work, to investigate the situations of physical and symbolic violence that occurred both inside it, between peers, and that which was established with the public outside the block, when passing through the streets, in other words, between the objectives specific to this work is the analysis of the pillar of this violence, that is, what is the historical cultural structure that sustains violence against gender identity? Therefore, the methodological theoretical contribution of the research that will guide the understanding of this problem is the current of subaltern studies of Latin America in the scope of decolonialism, in addition to Cultural History that will serve as support for the investigation of the social context that engenders the construction of this violence and the gender studies.

Keywords: Identity. Gender. Carnival. Body. Territory.

ⁱ Este artigo foi apresentado ao Programa de Pós-graduação em Análise das Teorias de Gênero e Feminismos na América-Latina a nível de Especialização, sob orientação da Profa. Dra. Adriane Lima. Agradeço às/aos pareceristas no processo de apresentação final do artigo.

Fernanda Jaime Andrade –Mestra em História Social da Amazônia, na Universidade Federal do Pará, na linha de pesquisa Trabalho, Cultura e Etnicidade (2016). Possui especialização em Relações Étnicorraciais, pela Universidade Federal do Pará -UFPA (2011), ao Instituto de Ciências da Educação - ICED, Núcleo de Formação de Professores e Relações Étnicorraciais – GERA. E-mail: fernandajaimeandrade@gmail.com

INTRODUÇÃO

“Chama a mulherada, as queens, as trans, as operadas, as buças nervosas pra avenida/ Todas juntas, livres, sem controle, sem censura, embucetadas por uma bucetania”

Samba enredo 2016.

Era quase carnaval de 2016 quando três amigas conversavam sobre a festa em Belém. Reclamavam das demandas sobrecarregadas das mulheres: o cuidado com os filhos, a rotina exaustiva de trabalhos domésticos sendo conciliados com trabalhos externos, o baixo salário pago para mulheres. Enfim, uma longa conversa sobre opressões sociais femininas que culminou num grito, uma delas disse: “Vamos fazer um rebuceteio!”. Nesse momento, uma rede veloz de comunicação feminina construiu o Bloco do Rebuceteio, um bloco de rua, com banda de fanfarra, com fantasias e sem cordões de isolamento. Não houve autorização para ir às ruas, marcaram o encontro e existiram nele em rede de apoio, em denúncias, em protestos, em alegria, em união e respeito umas com as outras. Por quatro anos consecutivos – 2016 a 2019 –, o cortejo se transformou à medida em que o público brincante escolheu o espaço do bloco para reforçar vozes silenciadas.

A palavra “Rebuceteio”, em diferentes dicionários, significa *reunião com muitas pessoas fazendo barulho*. Além dessa tradução, “Rebuceteio” exprime reunião de grupo de mulheres lésbicas em situação de bagunça ou promiscuidade. A proposta desse coletivo cultural entende o “Rebuceteio” como uma reunião de pessoas denunciando o feminicídio, a homofobia, a transfobia, as violências contra mulheres e grupos LGBTQI+¹ de maneira artística, lúdica.

Embora possa parecer ofensivo ou grosseiro, o nome do bloco é tão somente o reforço de desejos de estar nas ruas com segurança e liberdade para performar existências sem preconceitos, sem discriminações, sem censuras. Por isso, o cortejo nas ruas da Cidade Velha (bairro localizado em Belém do Pará) inclui apresentação de bandas, performances teatrais, performances *Drag Queen*, batuque de tambores e banda de fanfarra. É uma festa entre pessoas que compartilham amor em cortejo pelas ruas deste bairro de celebração de culturas belenense. A intenção desse movimento cultural era ocupar as ruas festejando a potência feminina em cada uma das pessoas agregadoras de resistência das políticas públicas que impõe nossa invisibilidade em sociedade.

Para tanto, neste artigo analisarei as letras de quatro sambas de enredo, compostos pelos artistas do bloco, a fim de apreender como na poesia das músicas e performances teatrais esse movimento cultural educa a sociedade colocando em evidência assuntos como feminicídio, violência, lgbtqifobia, transfobia, entre outras questões, que marcam limites ao território desses corpos femininos que resistem a qualquer imposição.

A respeito dos quatro sambas de enredo analisados neste artigo, é importante ressaltar a originalidade das letras e melodias de cada um deles, compostos pelos integrantes do bloco. Nestes sambas, palavras são usadas pelo poder que emanam no que tangem às denúncias, empoderamentos, redes de apoio. Chamo atenção para uma palavra em particular, que se repete em cada estrofe dos sambas e marchinhas: *buceta*. Buscando a etimologia da palavra, sabe-se que a origem é latina, de *buxus* / *buxo*, madeira utilizada em trabalhos suaves de onde era possível construir

¹ Sigla para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, *Queer*, Intersexuais, mais as outras categorias de gênero em uso (THEBORN, 2006).

caixas pequenas, as *buxis*². Ainda, segundo o dicionário Michaelis, é uso não chulo do idioma³. Para integrantes e brincantes do bloco, “rebuteteio”, “buceta”, “vulva”, “vagina”, “xiri”, “charque” são chamamentos, vocativos de uma irmandade, de uma “bucetania”, como diz a letra de um dos sambas. Neste sentido, significados coloniais, religiosos, patriarcais que menosprezam ou subjagam o corpo feminino são combatidos com neologismos, novas formas de ver e falar enaltecendo o poder feminino.

Foi pensando nessas questões que surgiu a proposta do cortejo cultural Bloco do Rebuteteio, no qual mulheres, homens, *drag queens*, travestis, transgêneros, lésbicas, *gays*, bissexuais, *queers*⁴, intersexos puderam performar seus corpos nas ruas de forma livre, respeitosa, segura, sem transfobia, julgamentos ou qualquer situação que pudesse colocar em risco estes brincantes.

Neste sentido, o objetivo específico desse artigo é elucidar como o Bloco do Rebuteteio traduz a transgressão da ordem heteronormativa, pois, ao mesmo tempo em que ele se apresenta como resistência, também é palco de disputas e conflitos. Neste caminho, o bloco agrega debates e posturas de acordo com as mudanças da sociedade; portanto, assuntos como feminismo, performance *queer*, transgeneridade, feminicídio, violência contra gêneros, racismos e antirracismos, discriminações, censura e objetificação da mulher são temas que também estão no cerne dessa proposta cultural.

O recorte estudado nessa proposta será o período do carnaval, entre os anos de 2016 a 2019. Neste período, foram compostos seis sambas autênticos que traduziram em poesia a manifestação cultural carnavalesca dentro dos desdobramentos do significado desse período na transformação social da vida dos sujeitos estudados por essa pesquisa, abordados no campo de estudos da historiografia decolonial e dos debates sobre a interseccionalidade⁵.

1. O Bloco do Rebuteteio

Rebuteteio! É! Rebuteteio! Vamos pirar com todo este esteio!

Marchinha do Bloco do Rebuteteio, 2016.

A fim de sustentar uma prática contrária aos padrões patriarcais e as performances cisgênero heteronormativas, o Bloco do Rebuteteio visa marcar posição por meio da identidade de gênero representada socialmente nas performances de rua ocorridas durante o cortejo. Ainda, é proposta desse trabalho pensar as situações de violência física e simbólica normatizadas em espaços privados e públicos por meio de denúncias que são expostas nas letras dos sambas de enredo compostos por integrantes e colaboradores do bloco, bem como nas performances *drag queen* e rodas de conversa.

² Fonte: *buceta*. Origem da Palavra. Disponível em <https://origemdapalavra.com.br/palavras/buceta/>.

³ Fonte: *boceta*. Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/boceta/>. Acesso em 2022.

⁴ *Queer* é uma posição de contestação aos regimes de poder que produzem a identidade e a diferença. Trata-se muito mais de um modo de vida, uma estética da existência. A política e o modo de vida *queer* dinamitam os regimes biopolíticos da representação, de modo que todos os corpos possam ser habitáveis e que todas as vidas possam existir na diferença que as constitui (BUTLER, 2003, 2006).

⁵ Sobre o conceito de interseccionalidade, a pesquisa se dedicará aos estudos da socióloga Sirma Bilge (2009). Além disso, os estudos da jurista Kimberlé W. Crenshaw também apoiarão o debate sobre a interseccionalidade será melhor desenvolvido nas páginas que seguem.

Para além disso, o estímulo posto é o do entendimento da realidade histórica com especificidades nas interações sociais, nos conflitos e nos compartilhamentos culturais, que são capazes de diversas apropriações e redefinições das disputas simbólicas e dos papéis historicamente estabelecidos, bem como, situados em contextos de concorrência e competição.

Sendo assim, os diversos grupos sociais têm seu espaço preservado como se estivessem conservados em sua autonomia na troca de significados entre redes simbólicas e próprias de transferências. Sob este ângulo, ao invés da hierárquica construção de um evento de “público de massas”, o Bloco do Rebuceteio defende que o cortejo cultural é composto de diversos sujeitos, e por isso, a massificação cultural não significa homogeneidade entre indivíduos em sociedade, a fim de demonstrar as múltiplas formas que cada grupo social se envolve, evidenciando o dinâmico processo das relações culturais. Para tanto, o bloco ofereceu, em 2018, rodas de conversas nas quais esses temas foram discutidos com a comunidade na presença de especialistas, quais sejam, professores, influenciadores culturais, artistas, lideranças comunitárias e coletivos de movimentos sociais. É o caso do coletivo Noite Suja, de performances *drag queens* que colaboram com essa proposta de projeto. Além dele, o Grupo de Mulheres Prostitutas do Estado do Pará – Gempac –, referência internacional na luta pelos direitos das mulheres trabalhadoras do sexo, ofereceu ao público da roda de conversa palestras sobre saúde sexual feminina, violência contra mulheres e educação sexual.

As discussões abarcaram questões relacionadas ao papel da mulher no contexto da construção da identidade de mulheres em trânsito de percepção de si mesmas e do mundo, agindo como sujeitas ativas e dinâmicas da história. Todas elas significam suas vidas, a tradução de si, na narrativa histórica que constroem sobre os costumes e mentalidade do contexto histórico e cultural onde estamos inseridos. Estas narrativas dão a forma física da história, mostra a intimidade dos acontecimentos com historicidade. E, por meio da proposta do Cortejo Cultural Bloco do Rebuceteio, não apenas essas mulheres, mas um grupo bem mais diversos em representações de identidades de gênero, têm lugar para viver suas performances em conjunto. Daí a importância dessa partilha, pois preserva a memória de uma coletividade.

As várias experiências vividas por cada indivíduo possuem sua própria temporalidade e sua própria história. Porém, as similitudes do passado possibilitam ao grupo o reconhecimento de sua identidade através do tempo. Assim, a memória, elemento de unidade de um grupo, está imbricada num sentimento de tempo contínuo, fluido que age entre o que já foi vivido e o que se vive no presente. Nessa continuidade temporal se sustenta o grupo, capaz de recuperar do passado aquilo que está vivo. Neste viés, o Bloco do Rebuceteio busca oportunizar um contraponto a ordem social heteronormativa no âmbito de resistências e disputas por meio da atuação/transgressão das performances desses corpos. A problemática investigada busca compreender como o Bloco do Rebuceteio seria um contraponto à ordem social heteronormativa no âmbito de resistências e disputas por meio da atuação/transgressão dessas mulheres. Ou seja, se visa encontrar de qual maneira o bloco é lugar de questionamento entre as práticas discursivas normativas e as outras diversas formas de manifestação de resistência.

O movimento prevê um cortejo cultural nas ruas do já mencionado bairro da Cidade Velha, em Belém, com participação de banda de fanfarra, performances do coletivo *drag queen* Noite Suja, desfile do grupo Grupo de mulheres prostitutas do Estado do Pará – Gempac, em homenagem a Lourdes Barreto, sua fundadora –, bem como desfile de fantasias dos brincantes do cortejo e apresentação de artistas musicais da cidade. Ainda, o cortejo oferece exposições e vendas de serviços

e produtos de pequenas empreendedoras oferecendo à comunidade durante a concentração do cortejo suas produções, portanto, oportunizando a circulação de produtos e serviços de mulheres cis e transgêneros diante de um público que agrega as resistências desse grupo social. O Bloco do Rebuteteio saía em cortejo pelas ruas da Cidade Velha sempre no primeiro dia de carnaval, organizado de forma coletiva e voluntariamente, cujo objetivo era expressar a força da união feminina contra imposições sociais patriarcais sobre a existência das mulheres.

2. O Corpo: performance e território

Alto Lá! Esse corpo me pertence! Vou falar!

Samba, 2017

Por meio desse imperativo do samba enredo, este artigo tenciona avaliar a perspectiva da questão da violência contra gêneros na cidade de Belém do Pará⁶, a partir da análise das letras de quatro sambas de um bloco de carnaval de rua, o Bloco do Rebuteteio, cujas estrofes reverberam vozes femininas performadas nos corpos em cortejo pelas ruas do Bairro da Cidade Velha. Sendo assim, este artigo propõe uma análise sobre as denúncias, protestos, anúncios cantadas por mulheres, pessoas LGBTQIA+, homens, pessoas transgêneros, entre outras diversas identidades de gêneros que sentiram no bloco a oportunidade, sobretudo a rede de apoio no corpo território ocupando o espaço público com mensagens normalmente silenciadas para dentro do espaço privado.

Para tanto, a investigação intenciona o entendimento da trajetória dessas pessoas mediante a memória do bloco como um desafio das performances de gênero, das identidades e representações sociais analisados sob a ótica de como as diversas violências contra gêneros podem ocorrer num espaço que se identifica como transgressor e de resistência social, como propunha o Bloco do Rebuteteio no samba enredo: “A nau chegou aqui e nos vestiu/ Ainda assim a buceta resistiu/ Querem nos cobrir, querem nos parar... 2017”⁷. Para isto, analiso os sambas de enredo elaborados pelos integrantes do bloco – homenageadas pelo grupo, fundadoras e brincantes –, que através dele, viram oportunidade em transgredir a ordem normativa patriarcal⁷. A memória guardada nos testemunhos dessas pessoas, apoiadas pelas músicas e registros visuais vão contribuir para o entendimento da ruptura das significações de gênero e poder, construídas mutuamente em direção a compreensão da tensão contra as performances de gêneros não normativos⁸, como preconiza a estrofe: “Não tem mais jeito a buceta vai falar, 2017”⁸.

Nesse sentido, Pantoja (2018) aponta todo o compromisso da reprodução humana é atribuído socialmente às mulheres, ao passo que aos homens os estímulos sociais são destinados ao trabalho produtivo, a inserção ao mercado capitalista, distinguindo, trabalhos que são desempe-

⁶ Ao longo do texto será explicada a forma como a categoria gênero é utilizada nesse estudo imbricada ao conceito de violências de gênero e violências simbólicas.

⁷ O conceito de patriarcalismo estará direcionado aos estudos da autora Gerda Lerner que confirma a análise marxista sobre o patriarcado pontuando a subjugação feminina no marco do surgimento das propriedades privadas. Portanto, o controle da sexualidade femininas e de seus corpos torna-se evidente neste marco temporal. (LERNER, 1990).

⁸ Gêneros não normativos para essa pesquisa significam todas as existências de gêneros contrários ao padrão patriarcal heteronormativo. Neste sentido, Scott (1990) afirma o gênero como uma categoria de análise abrangente de inúmeros aspectos sistemáticos, logo, conceber o convívio dinâmico das relações humanas não permite pensar o homem e a mulher dentro de uma noção fixa de gêneros, na qual se estabelecem relações de poder como constructo das relações sociais.

nhados por homens daqueles executados por mulheres valorando, dessa forma, mais o “trabalho de homens”. Sob essa lógica, afirma que os homens sempre são incentivados a agir na esfera pública/produtiva, ao passo que para as mulheres o incentivo é à esfera reprodutiva, neste caminho os homens apropriam-se de funções sociais de forte valor agregado: políticas, religiosas, militares, culturais (KERGOAT, 2009).

A contribuição dessas mulheres ao bloco ocorreu por meio de ações individuais e coletivas que construíram a oportunidade da existência do evento. Essas mulheres atuam em sociedade através de diversas ações, responsabilidades, resistências e representações. Sobre elas, infelizmente, após o término do carnaval, durante o período de matrículas escolares, uma das “puxadoras” de samba, sofreu represália da instituição de música onde tentou matricular a filha, em 2016. A matrícula da aluna foi negada porque a mãe estava envolvida com o bloco de mulheres feministas. Isto ocorreu devido às hostilidades publicadas no perfil do *Instagram* do Bloco do Rebuteteio⁹, no qual o nome da cantora era exposto, um dos rastros da violência simbólica ocorridos no bloco.

Para além disso, quando os perfis do mencionado coletivo foram criados e divulgados em redes sociais como o *Facebook*¹⁰ e o *Instagram*, a repercussão entre um grupo de pessoas da cidade foi negativa, pois consideraram o nome do bloco ofensivo e grosseiro, portanto, não representativo da luta feminina. “Rebuteteio”, em vários dicionários diferentes, significa reunião com muitas pessoas fazendo barulho, essa era a ideia do bloco: fazer estrondo denunciando o feminicídio, a homofobia, a transfobia. Ainda assim, desagregos foram cometidos contra brincantes do bloco, como diz a letra do samba: “Assédio não pode ser silenciado/ Cola junto vamos expor esses caralhos¹¹/ Rebuteteio contra toda tirania/ Na internet chove crítico de artista” (CRUZ; RAMOS, 2017).

Em 2018, a coordenação do bloco decidiu homenagear uma mulher paraense cuja trajetória tenha garantido apoio e trocas com outras mulheres: Lourdes Barreto, ativista de direitos humanos. A sua celebração, no ano de 2018, foi composto o tema “TodXs contra Censura”, além de também participar da roda de conversa promovida pelo bloco. Essa mulher representou a resistência e transgressão de todas as outras mulheres envolvidas com o bloco de carnaval. No âmbito profissional exerce trabalho como prostituta, caminho que proporcionou a fundação do primeiro grupo de apoio as pessoas profissionais do sexo no Pará (o já citado GEMPAC). Lourdes Barreto é referência internacional na luta pelos direitos das mulheres trabalhadoras do sexo, o que a torna figura pública na cidade de Belém.

Todas elas significam suas vidas, a tradução de si, na narrativa histórica que constroem sobre os costumes e mentalidade das décadas dos anos 2000. Na edição de si, destacam-se relações fa-

⁹ A saber, <https://www.facebook.com/blocodorebuteteio/>.

¹⁰ A saber, <https://www.instagram.com/orebuteteiobelem/>.

¹¹ De acordo com Carlos Mrinheiro: 'Por outro lado, o Dicionário Eletrônico Houaiss diz que o vocábulo é de «orig[em] duv[idosa]; Leo Spitzer propôs o lat[im] *characūlus, dim[inutivo] de *charax,ācis, do gr[ego] chárax,akos, "esteio, estaca, empa"; apesar de tal étimo satisfazer tanto semântica quanto foneticamente, o voc[ábulo], que por sua sufixação arcaica (dim[inutivo] em -cūlus) teria de ser uma f[orma] bastante antiga, jamais foi encontrado em lat[im], como, argutamente, lembra Corominas». Disponível em: 'Por outro lado, o Dicionário Eletrônico Houaiss diz que o vocábulo é de «orig[em] duv[idosa]; Leo Spitzer propôs o lat[im] *characūlus, dim[inutivo] de *charax,ācis, do gr[ego] chárax,akos, "esteio, estaca, empa"; apesar de tal étimo satisfazer tanto semântica quanto foneticamente, o voc[ábulo], que por sua sufixação arcaica (dim[inutivo] em -cūlus) teria de ser uma f[orma] bastante antiga, jamais foi encontrado em lat[im], como, argutamente, lembra Corominas». Disponível em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/a-origem-da-palavra-caralho/29050>. Acesso em 08 jan. 2023.

miliares, o papel da mulher no contexto da heteronormatividade¹², a construção da identidade de mulheres em trânsito de percepção de si e do mundo no qual age como sujeita ativa e dinâmica da história. Para além disso, existem também silêncios, especialmente àqueles relacionados a desejos mais íntimos, aqueles que não poderiam ser declarados de forma mais nítida. Nesse caso, às vezes, por meio de códigos, essas mulheres narram seus desejos menos confessáveis.

A narrativa dessas mulheres dá a forma física da história, mostra a intimidade dos acontecimentos com historicidade. E foi por meio da fundação do Bloco do Rebuteteio que não apenas essas mulheres, mas um grupo bem mais diverso em representações de gênero, acharam lugar para viver suas performances em conjunto com outras pessoas que são contrárias às normas cisgêneras heteronormativas¹³. Por este caminho, a análise dos testemunhos dessas pessoas pode contribuir para observação do comportamento histórico social das mulheres, sobre resistência e transgressão a ordem cisgênero heteronormativa, ocorridas, em Belém do Pará, região da Amazônia Oriental, entre os anos de 2016 e 2019, no recorte carnavalesco do calendário no estado. Daí a importância de seu estudo e preservação de suas análises em aspectos culturais, educacionais, sociais. Assim, no samba enredo de 2018, manifestam-se estes sentimentos: “Chega de medo/ Chega de abuso/ Transfobia, estupro/ Chega, acabou/ Cercar nossos corpos/ Censurar nunca mais/ As bucetas não temem/ Não se rendem jamais!” (CRUZ; RAMOS, 2018).

Como afirma Henrique (2009. p. 38), ao analisar as “Confissões” de Rousseau, o indivíduo, no ato autobiográfico, mais do que conhecer a si, pretende ser reconhecido pelo outro. Nos movimentos sociais carnavalescos é notável essa confirmação de si no âmbito social. Os temas que mais se repetem ao longo dos anos do bloco são violência e liberdade, pois traduzem as preocupações com seus aspectos físicos e suas construções como mulheres. A constância na repetição de temas marca uma trajetória de construção de si e coletiva, uma forma de se ver e entender no mundo, como diz Ângela Gomes (2004, p. 13), por ser “exatamente porque o ‘eu’ do indivíduo moderno não é contínuo e harmônico que as práticas culturais de produção de si se tornam possíveis e desejadas, pois são elas que atendem à demanda de uma certa estabilidade e permanência através do tempo”(GOMES, 2004. p. 13).

Como constructo elaborado historicamente a identidade agrega características “próprias” das mulheres, são elas: docilidade, fragilidade, descrição, fala baixa, abnegação tudo define a “identidade feminina”. Essa imposição social heteronormativa transmite a noção de que as pessoas são iguais, sentem igual, contudo, como um processo, uma narrativa, um discurso sempre se pauta pela posição do outro, pelo olhar do outro, de acordo com Stuart Hall. Neste sentido, a identidade figura como uma narrativa, uma representação (HALL, 1997. P. 49).

Sujeitos marginalizados historicamente sempre tiveram suas identidades marcadas pelo olhar colonizador do outro. Nesta perspectiva, a contemporaneidade confronta os sujeitos a identidades variadas e dinâmicas, com as quais se identificam, por sua vez, as mulheres que impõe suas caracte-

¹² A heteronormatividade abrange conceitos como o sexismo relacionando-o com o sistema patriarcal que perpassa a sociedade atual e que serve como um conservador de padrões sociais normativos. A hierarquia estabelecida dentro dessas relações privilegia o masculino colocando o patriarca como o senhor ou chefe da família, sustentando a dominação e submissão femininas entre os homens que cercam a vida de mulheres: o seu pai ou o seu marido (THEBORN, 2006).

¹³ “Cisgênero é outra palavra subentendida a ser levada em conta: diferentemente de transgênero, remete a pessoas cuja identidade e expressão de gênero corresponde ao sexo atribuído ao nascimento. Ao mesmo tempo em que visibiliza as especificidades de pessoas trans, paradoxalmente, naturaliza o modelo cisgênero e binário dos sexos o que, agência a interpretação destas vivências como uma identidade de gênero em si mesma e que, por estarem fora da norma, precisam ser nomeadas” (GOMES, 2018).

rísticas sem submeter-se ao silenciamento social são frequentemente marginalizadas, ridicularizadas e humilhadas por meio de clichês já naturalizados, como o da loucura ou da histeria (ROCHA-COUTINHO, 2004. p. 4).

Ainda, os conceitos de memória, representação, biografia e identidade serão abordados na conjuntura do debate da História Cultural, contribuindo no amadurecimento das análises sobre violências simbólicas o estudo de gêneros na perspectiva de interseccionalidade trazendo para a luz da análise discussões sobre sexualidade e teoria *queer* como contribuição à estrutura da categoria do estudo de gênero. Sendo assim, mais uma categoria de análise merece atenção no estudo, qual seja a categoria da interseccionalidade, visando a utilização do conceito na linha de raciocínio da autora Sirma Bilge, que alega que “a interseccionalidade remete a uma teoria transdisciplinar que visa apreender a complexidade das identidades e das desigualdades sociais por intermédio de um enfoque integrado” (BILGE, 2009).

O delineamento desse debate faz-se necessário por conta das ações praticadas pelo grupo de mulheres durante a performance no bloco: a organização, a coordenação, a atuação no cortejo, as violências físicas e simbólicas sofridas nos quatro anos de evento e a transformação no olhar de si sobre a própria identidade como mulher.

Aqui pra nós ditadura não morreu/ Carro prata, carro preto todo dia/
Chora mãe, chora filho, chora tia/ Na Amazônia etnocídio elimina/ E morre
puta, morre drag em cada esquina/ Racista, fascista não insista/ Rebuteteio é
liberdade e inclusão/ CHUPA CUZÃO! (CRUZ; RAMOS, 2018).

O recorte temporal da análise desse trabalho é o carnaval. O decurso desse período no Brasil é vivido como o extraordinário, o exótico, o animalesco, a época em que os limites sociais podem ser testados, rompidos, transgredidos. São momentos de coisas extraordinárias, no sentido de ser permitido e se permitir transgressões que, em um cotidiano regrado e cheio de imposições, não seriam possíveis. Ademais, as manifestações populares são compreensões de códigos simbólicos de valores que servem a um contexto social, cultural e político. Ou seja, estão contidas em representações nas repercussões das manifestações artísticas.

Para além disso, o estímulo posto é o do entendimento da realidade histórica com especificidades nas interações sociais, nos conflitos e nos compartilhamentos culturais, que são capazes de diversas apropriações e redefinições das disputas simbólicas e dos papéis historicamente estabelecidos, bem como situados em contextos de concorrência e competição, como nos diz Costa (2016). À vista disso, o carnaval não representa apenas uma “válvula de escape” de tensões sociais, antes, é uma condição de análise das manifestações sociais intérprete de valores culturais que criticam a ordem social estabelecida aos membros de comunidades, como afirma Natalie Davis (1990, p.87). A festa é, portanto, uma forma de analisar o grupo social que a subsidie no âmbito de suas tensões e ordem, como se vê no samba de 2018: “Sou mana preta/ Cheia de valor/ Nzinga na vida/ Axé de ioiô/ Sou libanesa, Síria, japonesa/Sou refugiada/ Sou por mais amor” (CRUZ; RAMOS, 2018). Sendo assim, o sentido ritual do momento de sua realização é uma explicação histórica do esforço de uma comunidade em manter suas práticas sociais marcadas por subversões de papéis tradicionais, por momentos de liberdade e, também, proximidade entre as pessoas.

Neste sentido, “os ritos marcariam momentos de mudança de posição na estrutura social, permitindo ao pesquisador acessar não apenas mecanismos de coesão do grupo como também seus conflitos” (PEREIRA, 2016). Por tudo isso, é que se considera a correlação dessas festas no contexto da suspensão da ordem cotidiana, cuja linguagem se comunica nos símbolos carnavalescos, quais sejam, os cortejos, os desfiles, as fantasias, as músicas, as performances. Em Belém, nos anos 2000, também se encontravam relações de poder dentro e fora das festas de carnaval, como afirma Maurício Costa (2016), “Dessa maneira, a festa não entra em contradição com a sociedade, já que “ambas pertencem à mesma ordem das coisas, que é a ordem do ‘vivido”” (COSTA, 2016, p. 244).

Sendo assim, os diversos grupos sociais tem seu espaço preservado como se estivessem conservados em sua autonomia na troca de significados entre redes simbólicas e próprias de transferências. Sob este ângulo, ao invés da hierárquica construção de um evento de “público de massas”, o autor defende que a manifestação carnavalesca é composta de diversos sujeitos, como concorda o trecho da marchinha de 2018 do bloco: “Rebuceteio é bloco sem censura/ Tem sapatão, bicha e puta sem frescura (2X)/ E Pula as manas, pula os velhos, as Drag Queen/ Vamos gritar sem censura até o fim !” (MARCHINHA, 2018). E por isso, a massificação cultural não significa homogeneidade entre indivíduos em sociedade, para além disso, demonstra as múltiplas formas que cada grupo social se envolve, logo, evidencia o dinâmico processo das relações culturais (PEREIRA, 1997).

Nesta linha de raciocínio, se procura elucidar como o Bloco do Rebuceteio traduz a transgressão da ordem heteronormativa, pois, ao mesmo tempo em que ele se apresenta como resistência, também é palco de disputas e conflitos. Neste caminho, o Bloco foi agregando debates e posturas de acordo com a mudança dessas discussões nas universidades, nas redes sociais virtuais, nas rodas de conversas entre amigos, portanto, assuntos como feminismo, performance *queer*, transgeneridade, feminicídio, violência contra gêneros, racismos e antirracismo, discriminações, censura, objetificação da mulher também foram discutidos enfaticamente pelos integrantes do Bloco.

Reitero aqui o debate sobre mulher, porém, outros gêneros fora do padrão da heteronormatividade se inserem na discussão, uma vez a posição social de liberdade vem sendo construída por mulheres há séculos, ainda assim, o debate a respeito dos direitos igualitários entre mulheres e homens permanecem no afrontamento da atualidade. Afinal, “nenhum ato de resistência pode ocorrer em nome do subalterno sem que esse ato seja imbricado no discurso hegemônico” (ALMEIDA, 2010, p. 12). Recentemente outros gêneros ganharam espaços em artigos e debates acadêmicos e na mídia em busca desse direito a equidade, é proposta desse movimento cultural de mulheres amplificar as vozes de outros gêneros, quais sejam, cisgêneros, transgêneros, interssexo, binários, no sentido de apreender seus significados e representações de conceitos aqui decorridos. Embora o discurso verse sobre o binarismo homem/mulher, a proposta é ir além desse conceito, a fim de interpretar os lugares pleiteados por diversos gêneros.

3. A Violência Pública Contra os Corpos

“Na Amazônia etnocídio elimina/ E morre puta, morre drag em cada esquina”

Samba, 2018.

O carnaval na Cidade Velha, nessas décadas do século XXI, já não eram como a população do bairro costumava desfrutar. Era época dos blocos de rua identificados por abadás, época de blocos de rua isolados por cordões de segurança, época de blocos de rua cujo acesso só era permitido através do pagamento de ingressos. Foi pensando nessas questões que surgiu o Bloco do Rebuceteio, um bloquinho de carnaval de rua organizado por uma família que reuniu outras famílias onde mulheres, homens, *drag queens*, travestis, transgêneros, lésbicas, gays, bissexuais, *queers*, intersexos puderam performar seus corpos nas ruas de forma livre, respeitosa, segura, sem transfobia, julgamentos ou qualquer situação que colocasse em risco os brincantes. Desde o início, o bloco foi um trabalho coletivo e voluntário, portanto a divisão de tarefas ocorria de maneira dinâmica, onde a pessoa se voluntariava a ajudar com doações, organizando estruturas, contratando segurança, sendo assim, as pessoas que coordenavam as ações variavam a cada ano.

A grande maioria dos brincantes do bloco era morador dos bairros ladeados do local onde o bloco fazia concentração para o cortejo, composto por intelectuais, artistas, músicos, professores, ambulantes, pequenos empreendedores, militantes políticos, autônomos, somando um número considerável de grupos de classe média e classe baixa¹⁴ encorpando o bloco e confirmando o caráter das relações interseccionais ocorridas nele. A escolha do bloco de carnaval como fonte da pesquisa adveio da observação da ação dessas três mulheres no bloco do Rebuceteio como agentes transformadoras do contexto que as cerca. Mas também, a inquietação em presenciar as violências que ocorreram desde o primeiro ano do evento, em 2016, e principalmente, do rumo dado a elas pós-cortejo.

Nessa sequência, foram quatro anos da edição do bloco, sendo o último em 2019, cujo término foi marcado por estúpida violência protagonizada pelos seguranças da casa de show onde o bloco finalizou o cortejo¹⁵. Nessa noite, duas mulheres foram agredidas fisicamente, inclusive uma teve os dentes quebrados por conta do golpe que recebeu do chefe de segurança da casa. Ainda, o rapaz que acompanhava as mulheres também foi agredido saindo do local com os supercílios sangrando. Esse grupo de amigos eram homoafetivos. Infelizmente, esse não foi o único caso de violência dentro do Bloco do Rebuceteio no qual, nos quatro anos de evento, presenciou-se violências contra mulheres e pessoas LGBTQI+. Abaixo, a nota de repúdio publicada na rede social do bloco no ano de 2019.

NOTA DE REPÚDIO

O bloco do Rebuceteio vem a público repudiar com veemência a violência sofrida pelas manas na festa ocorrida no bar Centro Histórico.

Não entendemos como alguém pode ir pular o carnaval num bloco que prega o respeito à diversidade, ao amor, à liberdade dos corpos em performance social e pratica um crime. Sim! Você que agrediu as meninas é UM CRIMINOSO! (...)

Somos solidárias as manas e não vamos nos silenciar diante dessa estupidez. Às meninas vítimas dessa ignorância, estamos dispostas a acompanhá-las

¹⁴ O termo classe média e classe baixa é utilizado nessa proposta de pesquisa de acordo com os censos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de 2019.

¹⁵ Esclareço que essa equipe de seguranças foi a única não contratada pela organização do bloco, posto que, como o bloco não recebia patrocínio, a casa de show do ano de 2019 doou não somente o espaço físico, mas toda a equipe de funcionários da casa

onde for preciso para apurar esse crime. Somos tuas testemunhas. (...)

O bloco do Rebuceteio é manifestação livre de corpos em respeito às múltiplas identidades. Não segregando as diferenças, mas juntando todas as nossas diferenças em respeito irrestrito e absoluto a cada uma delas.

NÃO VAMOS NOS CALAR!!! NÃO VAMOS TOLERAR TUA VIOLÊNCIA!!!¹⁶

O depoimento dessas mulheres significativas para o bloco são analisados em direção ao entendimento daquilo que as outras fontes revelam, os sambas enredo e marchinhas a fim de analisá-los quanto seu caráter de denúncia à homofobia, à transfobia, ao racismo e ao feminicídio, a fim de que sejam compreendidos os dados sobre violência contra mulher e outros gêneros constituindo a análise das relações de poder praticadas culturalmente ao longo da história, mantendo desse modo a institucionalização das violências contra gêneros que não se enquadram nos padrões patriarcais historicamente naturalizados, como retrata o samba enredo do ano de 2019:

No espelho a imagem refletida/Traz a marca dos amores e feridas/ Brincadeiras de outros tantos carnavais/ Onde eu pulava, me esbaldava e pedia mais/ (...) O dinheiro que faz falta/ O machismo que ainda mata/ E a porra de um governo opressor/ Que é um horror/ É tempo de dar/ Tempo de dar amor/ Desarmar o ódio/(...) feministas, trans e bichas/ São flores que se abrem na avenida/ Todas juntas são mais fortes, mais unidas/ Sororidade é o princípio da vida/ E não me venha com essa de fraquejada/ Que sou forte, sou uma índia icamiaba/ Sou cabana da quebrada. (CRUZ; RAMOS, 2019).

E essa denúncia é nítida na letra do samba enredo do ano de 2019, especialmente nas queixas sobre feminicídio, controle, força e liberdade. Assegura-se nenhuma vítima de violência permanece inerte ao ato violento se insurgindo de alguma forma contra o agressor - “Todas juntas são mais fortes, mais unidas/ Sororidade é o princípio da vida” – como afirma o samba enredo (SAFFIOTI, 2001. P. 115). Porém, as mulheres não possuem, de acordo com a autora, um projeto de dominação-exploração¹⁷,

nada impede também que uma mulher perpetre este tipo de violência contra um homem ou contra outra mulher. A ordem das bicadas na sociedade humana é muito complexa, uma vez que resulta de três hierarquias/contradições – de gênero, de etnia e de classe. (SAFFIOTI, 2001. p. 117).

¹⁶ Nota de repúdio publicada pela coordenação do Bloco do Rebuceteio depois da violência ocorrida em 2019 no perfil do movimento cultural da rede social *Facebook*.

¹⁷ De acordo com Saffioti (2001 p. 117) é utilizado “o conceito de dominação-exploração ou exploração-dominação, porque se concebe o processo de sujeição de uma categoria social com duas dimensões: a da dominação e a da exploração (...) De raiz weberiana, esta concepção divide uma realidade una. Esta já constitui razão suficiente para se recusar esta maneira de pensar. Existem, também, mais dois motivos: exploração e dominação não são, cada um de per se processos diferentes, separados [...]. No fenômeno do abuso sexual, por exemplo, pode haver exploração econômica, quando o abuso visa à prostituição de outrem, como pode haver exclusivamente a obtenção de benefícios próprios, como o prazer, sem vantagens financeiras. Assim, prefere-se entender exploração-dominação como um único processo, com duas dimensões complementares.”

Nesta perspectiva, o cortejo cultural tornou-se o espaço onde todas as vozes poderiam falar. Por isso, as rodas de conversa (anos 2017 a 2019) oferecidas pelo bloco possuíam intuito de analisar o alcance social dos debates que objetivavam refletir sobre os temas dos quais o bloco fazia denúncias. Como por exemplo, a roda de conversa que ocorreu no dia 12 de Janeiro de 2018, em um hostel no bairro de Nazaré, área central da cidade¹⁸. O comunicado diz o seguinte: “Alô, comunidade rebuceteira! Vamos bater um papo?” No cartaz, o bloco divulga a data do encontro, o local, e anuncia a homenageada e o tema do carnaval daquele ano: “TodXs contra a censura”¹⁹.

Figura 01 - Cartaz do Bloco do Rebuceteio de 2018, divulgando data, horário e local do festejo de 2018.



Fonte: Cartaz Bloco do Rebuceteio, Carnaval 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/blocodorebuceteio/>

Isso comprova que a coordenação do bloco se preocupava em posicionar suas ideologias, trajetórias e possibilidades de um carnaval mais consciente, seguro, entre pares.

A autora Adriane Lima (2019) trabalha com a epistemologia feminista de autoras da América Latina nos aspectos da importância das transformações que a educação proporciona em figuras masculinas e femininas em sociedade. Portanto, afirma que, historicamente, a racialização e patriarcalismo subjugaram corpos e saberes de forma a violentar as ações em comunidade, compartilhamentos, afetos, subalternizando principalmente as mulheres. O objetivo é mostrar diferentes

¹⁸ O bairro de Nazaré localiza-se no centro da cidade de Belém, concentrando alguns pontos turísticos em suas vias, como também as áreas mais caras do mercado imobiliário da cidade.

¹⁹ BLOCO DO REBUCETEIO. *Alô, comunidade rebuceteira!*. Belém, 2018. Cartaz.

lugares e discursos da sociedade ocidental cujas regras interferem diretamente sobre a privação dos corpos femininos nos espaços públicos por meio do poder exercido pelo patriarcado (LIMA, 2019; QUIJANO, 2005)

Quijano (2005) não separa a raça do poder em aspectos coloniais e sim historiciza as classificações raciais, apesar de não fazer o mesmo quanto ao gênero. Neste sentido, o autor não coloca a mulher como líder de comunidade; ao invés disso, aponta os abusos que as mulheres estão subjugadas, como se fosse apenas esse o lugar delas. Logo, pensando o conceito de patriarcado como universal, situa ainda os padrões heteronormativos e biologizantes, resultando em dois vieses de colonização da mulher latino-americana foi duas vezes: pela raça e pelo sexo. Todavia, a interseccionalidade aponta as relações de poder em variados aspectos, sendo assim, não estão apenas na raça e sexo (LUGONES, 2011).

O trabalho da mulher passa a não ser mais integrado na comunidade é desvalorizado no patriarcado capitalista e empobrece as mulheres. São pontos de luta com identidade cultural resgate de cosmovisão integral, de autocritica metodológica e acadêmica como resgate das raízes históricas: projeto de gestão e produção comunitária (COLETANI, 2014). Isto também é entendido como forma de educação, à vista disso, a educação popular é entendida como recurso metodológico no Cortejo Cultural, porque é o movimento dinâmico que proporciona fazer o questionamento da realidade entre outras perspectivas, isto é demarcação decolonial. Esse é o cerne do movimento. Por este viés, viver em coletividade as rodas de conversas significava partilhar anseios, desejos, dores, afetos, apoio da mesma forma como gostaríamos de estar nas ruas.

No que diz respeito a conceitos como memória, tempo, subjetividade, identidade, espaço público e privado, narrativas orais e história das representações, o movimento cultural Bloco do Rebuteteio pretendia perscrutar as sociabilidades compartilhadas por esses sujeitos no cotidiano de suas performances sociais para assim compreender como essa existência empreendeu seu próprio ritmo ao processo das construções de gênero e como isso ainda é ponto de tensão gerador de várias violências contra os diversos gêneros participantes do Cortejo. Segundo Bloch (2001), sempre trabalharemos com os testemunhos do próximo, pois nos registros podemos perceber através da impressão do outro: questões do cotidiano, de valores, de tradições.

De acordo com Le Goff (1990, p. 547), “[...] o documento não é inócuo. É antes de qualquer coisa o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram [...]”. Isto porque a história analisa a sociedade e os grupos que dela fazem parte sob perspectiva exterior, a memória analisa experiências pessoais a partir do grupo e faz analogias para que seus membros se reconheçam. Então, a história vivida está dentro do conceito de memória coletiva. Neste trecho do samba de 2017 é possível perceber esse reconhecimento: “Sou Icamiaba/ Descendente de Jaci/ Arranquei um seio/ Tenho a força de parir/ Sangro, e sangro muito/O sangue de muitas mais/ São todas mulheres/ Guerreiras dos buceiais” (CRUZ; RAMOS, 2018).

As várias experiências vividas por cada indivíduo possuem sua própria temporalidade e sua própria história. Porém, as similitudes do passado possibilitam ao grupo o reconhecimento de sua identidade através do tempo. Assim, segundo Marina Maluf (1995), a memória, elemento de unidade de um grupo, está imbricada num sentimento de tempo contínuo, fluido que age entre o que já foi vivido e o que se vive no presente. Nessa continuidade temporal se sustenta o grupo, capaz de recuperar do passado aquilo que está vivo, assim como se faz a relembração. Como afirma Peter

Gay (1989, p. 20): “[...] os homens, nem mesmo os loucos, não inventam simplesmente seu mundo. Os materiais que empregam para construí-lo são quase todos de domínio público”.

Segue-se assim o raciocínio de Saffioti (2001) no que tange a produção do conhecimento sobre mulher sob os vários aspectos de análise. Logo, é possível compreender a relutância das mulheres ao sistema de “exploração-dominação”, inclusive alcançando as relações interétnicas e de classe, ainda que nem sempre haja sucesso na resistência. Neste viés, a reação das mulheres contra o agressor não ocorre de maneira individual, há necessidade de auxílio externo. Ainda que no samba fosse cantado em coro e repetidamente: “Chega de medo/ Chega de abuso/ Transfobia, estupro/ Chega, acabou!” (CRUZ; RAMOS, 2018).

Portanto, no caso do Bloco do Rebuceteio, houve privação desse auxílio na esfera policial, logo, a reação de resistência se deu nas redes sociais com amplo alcance de apoio, ainda que isso não tenha garantido que outras agressões e violências fossem contidas.


CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência produzida pelo patriarcalismo não atinge apenas mulheres, alcança também outras categorias de gênero e sexualidade que não se encaixem nos padrões do patriarcado. Butler (1990) designa o termo “Gêneros inteligíveis” para pessoas que conservam relação de congruência entre sexo, gênero, práticas sexuais e desejo. Desta maneira, diversas matrizes de gênero podem ser pensadas no que tange à prática de fontes subversivas, embora possam ser confundidas como desordem, são antes de tudo, um conceito de performance, pois “não há identidade de gênero por trás das expressões de gênero; aquela identidade é, pela performance, constituída pelas próprias ‘expressões’ consideradas seus resultados” (BUTLER, 1990, p. 25).

Por isso, faz sentido pensar o gênero como categoria histórica dentro de “modelagens sociais” não apenas relacionadas ao sexo binário. A historiografia apoderou-se do debate sobre gênero tardiamente, bem como da categoria analítica das mulheres, proporcionando uma negligência no desenvolvimento desses debates, talvez por isso ainda soe estranho estudar gênero na academia, portanto, tornando a demanda optativa (PEDRO, 2007). Assim outras disciplinas das ciências humanas apropriaram-se das questões de gênero, tais como a sociologia, a antropologia, a psicologia, o direito, a educação, a assistência social. Por essa razão, este projeto surge para acrescentar outros olhares de análise sobre violências de gênero sob a luz da historiografia.

Nesse sentido, a construção do patriarcalismo foi padronizada a partir da estrutura eurocêntrica de colonização proporcionando, assim, marcadores de dominação, subjugação e violências contra qualquer pessoa que não se encaixasse dentro dessa estrutura. Para Heleieth Saffioti (2001), a construção patriarcal de sociedade conferiu aos homens o poder de violentar comportamentos que não se enquadrem na conduta ditada pelo patriarcalismo, fazendo com que sua imposição de regras seja um “projeto de dominação-exploração” tolerado socialmente, ao ponto de naturalizar violências para a garantia da obediência (QUIJANO, 1992. p. 118; SAFFIOTI, 2001. p. 115)

Crenshaw (1994), jurista norte americana, foi quem lançou o conceito de interseccionalidade para refletir sobre as interrelações entre raça e gênero que, por sua vez, estariam relacionadas à questão de classe e sexualidade. A proposta de interseccionalidade considera que a questão da identidade possui múltiplas fontes subdivididas em duas categorias: *inteseccionalidade estrutural* e *interseccionalidade política*. A categoria *estrutural* posiciona a mulher de cor na interrelação com a raça e



o gênero, denunciando a violência conjugal, o estupro e as respostas as tais violências. A categoria *política* abarca as políticas feministas e antirraciais que marginaliza a questão da violência às mulheres de cor (isto é, não-brancas).

As pesquisas em torno desse conceito jurídico chegaram dentro das universidades, e outras pesquisadoras debruçaram-se sobre a teoria. Por sua vez, Sirma Bilge (2009) sintetizou que a “interseccionalidade remete a uma teoria transdisciplinar que visa apreender a complexidade das identidades e das desigualdades sociais por intermédio de um enfoque integrado”. Isto é, Bilge refuta a hierarquização dos eixos que tratam das diferenças sociais: sexo/gênero, classe, raça, etnicidade, idade, deficiência e orientação sexual (BILGE, 2009, p. 70).

Em outras palavras, o que a autora busca esclarecer é a necessidade em estudar a categoria da inteseccionalidade tentando ver a relação de classe social como igualmente visível, da mesma forma em que se faz com o par gênero-raça. Ou seja, não apenas as relações sociais entre sexo, classe e raça devem ser analisadas pela sua complexidade e dinâmica. Sem a análise de classe concomitante aos estudos de raça e gênero, a controvérsia não é vencida. Portanto, para Hirata (2014), há um termo a ser visto: “interseccionalidade de geometria variável”, isto é, “existem três relações sociais fundamentais que se imbricam, e são transversais, o gênero, a classe e a raça, para outros a interseção é de geometria variável, podendo incluir, além das relações sociais de gênero, de classe e de raça, outras relações sociais, como a de sexualidade, de idade, de religião etc” (HIRATA, 2014. p. 65-66).

Este artigo objetivou estudar os conceitos de interseccionalidade das autoras Hirata, Bilge e Crenshaw, citadas anteriormente, a fim de compreender como as relações de violências física e simbólicas alcançaram essas cinco mulheres a ponto de transformar suas rotinas e ações sociais em enfrentamentos e resistências aos padrões cisgêneros heteronormativos. A organização social opera como uma engrenagem simbólica a fim de legitimar a dominação masculina, qual seja pela divisão social do trabalho, a distribuição de tarefas destinadas a mulheres e homens, o espaço de ocupação permitido aos dois sexos, os instrumentos utilizados por essa dominação simbólica. Em outras palavras, a dominação de categorias de gênero social são imbricadas de violência simbólica, por isso é possível que categorias sociais violentadas também produzam violência, ainda que isso não configure uma condescendência com aqueles que provocam a violência, os homens.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sandra. "Prefácio". IN: SPIVAK, Gayatri. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

BILGE, Sirma. Théorisations féministes de l'intersectionnalité. *Diogenes*, 1 (225): 70-88. 2009.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O Ofício de Historiador*. Rio de Janeiro: ed. Zahar, 2001.

BUTLER, Judith. *Gender Trouble – Feminism and the Subversion of identity*. Londres, Routledge, Chapman & Hall, Inc., 1990.

_____. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COLENTANI, Francesca G. **Feminismos desde Abya Yala. Ideas y proposiciones de las mujeres de 607 pueblos en nuestra América**. Ed. Corte y Confección, Ciudad de México, Primera edición digital, 2014. Disponible en: <http://francescagargallo.wordpress.com/>

COSTA, Antonio Maurício Dias da. A questão do popular na música da Amazônia paraense da primeira metade do século XX. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, v. 63, 2016, p. 86-102.

_____, Antonio Maurício Dias da ; GOMES, Fernando Henrique da Silva. O Carnaval da Saúde e a política cultural da Secretaria de Cultura do Pará. *Revista NUPEM*, Campo Mourão, v. 13, n. 28, p. 241-259, jan./abr. 2021.

CRENSHAW, Kimberlé W. Mapping the margins: intersectionality, identity politics and violence against women of color. In: FINEMAN, Martha Albertson; MYKITUK, Roxanne (orgs.). *The public nature of private violence*. Nova York, Routledge, pp. 93-118, 1994.

CRUZ, Carlos Vera; RAMOS, Marcelo. *Bocetas, flores do tempo*. Belém: Casarão Floresta Sonora, 2019.

_____. *Samba Enredo*. Belém: Casarão Floresta Sonora, 2016.

_____. *Samba Enredo*. Belém: Casarão Floresta Sonora, 2017.

_____. *Samba Enredo*. Belém: Casarão Floresta Sonora, 2018.

DAVIS, Natalie. Z. *Culturas do povo: Sociedade e cultura no início da França Moderna*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.

FREITAS, Sonia Maria de. *História oral: possibilidades e procedimentos*. 2. ed. – São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

GAY, Peter. *Freud: uma vida para o nosso tempo*. Trad. Denise Bottmann. 1.a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOMES, A. de C. Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo. In: _____. *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: editora FGV, 2004. p. 7-24.

GOMES, Romeu et al. Gênero, direitos sexuais e suas implicações na saúde. *Ciência & Saúde Coletiva [online]*. 2018, v. 23, n. 6.

HALL, Stuart. The local and the global: globalization and ethnicity.. IN: D. Anthony (Ed.), *Culture, globalization and the world system*. Contemporary conditions for the Representation of identity (pp. 18- 68). Minneapolis: University of Minnesota Press. 1997.

HIRATA, Helena et al (Orgs). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Unesp, 2009. _____. Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. *Tempo Social: revista de sociologia da USP*, v. 26, n. 1, gênero, pp. 61-73, junho 2014.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, Helena. et al (orgs.). *Dicionário Crítico do Feminismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2009, pp. 67-75 20

LE GOFF, J. Os sonhos na cultura e na psicologia colectiva do Ocidente medieval. In: _____. *Para um novo conceito de Idade Média*. Lisboa: Editorial Estampa, 1993 (1977).

_____. Documento/monumento. In: _____. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão et al. São Paulo: Editora da Unicamp, 1990.

LERNER, Gerda. *La Creación del Patriarcado*. Barcelona: Editorial Crítica, 1990.

LIMA, Adriane R.S. de Lima. Não somos uma, somos diversas: por uma epistemologia das mulheres do Sul. In: *Educação para mulheres na América Latina: um olhar decolonial sobre o pensamento de Nísia Floresta e Soledad Acosta de Samper*. Curitiba: Appris, 2019.

LUGONES, María. Hacia un feminismo descolonial. *La manzana de la discordia*. Universidad Andina Simón Bolívar del Ecuador, vol 6, nº2, 2011, p. 105-119.

MALUF, Marina. *Ruídos da memória*. São Paulo: Siciliano, 1995. p. 195-222.

PANTOJA, Flaviana de Moraes. *Das recatadas d'A Palavra às modernas da Folha do Norte: mulheres nas páginas de jornais paraenses (1940-1945)*. Dissertação de mestrado. 2018.

PEDRO, Joana Maria; SOIHET, Rachel. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. *Revista Brasileira de História*, v. 27, n. 54, 2007, p. 281-300

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Sobre confetes chuteiras e cadáveres: a massificação cultural do Rio de Janeiro de lima barreto. *Projeto História*, São Paulo, (14), fev. 1997.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda; O'DONNELL, Julia. Cultura em movimento: Natalie Davis entre a antropologia e a história social. *Dossiê: História e etnologia: diálogos interdisciplinares*. História Unisinos. Unisinos. 2016. Disponível em <https://www.redalyc.org/journal/5798/579862722003/html/>. Acesso em.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidade/racionalidad. *Peru Indígena*, 13(29): 11-20, 1992.

_____. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. In: LANDER, Edgar (org.). *Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

ROCHA-COUTINHO, M. L. Novas opções, antigos dilemas: mulher, família, carreira e relacionamento no Brasil. *Temas em Psicologia da SBP*, 2004, Vol. 12, no 1, 2– 17. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. In: *Cadernos Pagu*, v. 0, n.16, pp. 115-136. 2001.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: *Educação e Realidade*. Porto Alegre: Faculdade de Educação/UFRGS. Vol. 6, n. 2, Jul/dez, 1990.

THERBORN, Göran. *Sexo e poder: a família no mundo 1900-2000*. Trad. Elisabete Dória Bilac. São Paulo: Contexto, 2006.

